



Ana Ribeiro  
Docente Universidade do Minho

### Folheando *Manta de Farrapos*, de João de Araújo Correia<sup>1</sup>

Depois de em 1959 ter editado *Folhas de xisto*, o seu quinto volume de contos, João de Araújo Correia lançou, em 1962, mais um livro de dispersos. Evocando uma manifestação da arte popular, uma das suas áreas de eleição, intitulou-o *Manta de farrapos*. O título, como o autor esclarece numa das suas habituais notas de abertura, é de natureza metafórica: “Seja como for, tentei na *manta de farrapos* o simile deste livro. Feito de escritos de várias índoles, publicados em jornais e revistas pela ordem por que adiante se republicam, é uma obra de aproveitamento. Que o prelo lhe dê harmonia, como o tear

harmoniza a *manta de farrapos*, é o meu voto”<sup>2</sup> (11. Destaque no original). Desde este póstico se anuncia, pois, um volume heteróclito, do mesmo jaez de *Sem método*, denominação que coloca a tónica igualmente no dispar.

Fazendo jus ao título, a diversidade em *Manta de farrapos* manifesta-se a vários níveis. Começa pela natureza variada dos textos reunidos, vindos a lume entre 1955 e 1961: crónicas provenientes da imprensa, aforismos sobre a arte de bem escrever, um questionário oriundo de um jornal, dois discursos proferidos pelo escritor em dois jantares de homenagem, um conto disfarçado sob a designação “Crónica da serrã” e o esboço de um ensaio sobre Trindade Coelho e Alphonse Daudet. Em termos genéricos, não há talvez nenhuma obra do autor tão polifacetada. Amândio César considera mesmo que, nesta coletânea, “João de Araújo Correia deu-nos a maravilhosa presença de um livro sem classificação nos cânones literários”.

Esta “miscelânea”, como o médico-escritor lhe chama na singular nota (127) que após ao conjunto dos textos coligidos<sup>3</sup>, reconhecendo assim a natureza compósita deste seu livro,

2 João de Araújo Correia adota uma metáfora semelhante à que está na origem da palavra “texto”, proveniente de *textus*, que significava “entrelaçamento, tecido, textura” (Machado, 1967: 2213).

3 Para além de ter um teor diferente das outras duas notas que surgem em posição final na obra do contista, é sobretudo um testemunho da importância que um autor atribui à originalidade do título de um livro seu.

1 Uma primeira versão deste texto foi publicada no jornal *As artes entre as letras*, n.º 171 (maio 2016), p. 9. Todas as referências a *Manta de farrapos* remetem para a edição de 2015 desta obra.

caracteriza-se ainda pela heterogeneidade temática. À semelhança de publicações anteriores, *Manta de farrapos surge-nos*, pois, como uma “paleta de mil cores” (1968: s/p). Não se pode, contudo, considerar esta uma manta descolida, pois, nas palavras de Amândio César, “a personalidade de João de Araújo Correia” confere-lhe unidade. Assim, identificamos três eixos temáticos fundamentais na obra, entre os quais existe uma certa contiguidade.

Logo no início, “Casas fechadas” inaugura a fileira dos textos inspirados na contemporaneidade do escritor. Revelam-nos um ser atento ao que se passa à sua volta, cujo espírito cívico subjaz à conceção de arte que perfilha: “A arte é e serve (...) Arte que não auxilie ou não comova o homem não é arte” (1972: 157. Itálico no original). Alerta, por isso, o leitor para aspetos do seu tempo que considera preocupantes, como a desertificação do interior (pressentida já em 1955) e a dizimação de árvores e espécies animais (“Rei do deserto”), temas que se mantêm atuais.

A língua portuguesa é outra das causas do autor, como revelam crónicas dedicadas à prosódia e ao léxico (“Boa escrita e má pronúncia”, “Expressões repugnantes” e “Leite materno”, entre outras). Continuador da tradição de castigar pelo riso, a ironia bem-humorada é uma das suas armas:

Não falta por aí ceiteio em que malhe um Aquilino. O abuso do substantivo *solo* é benemérito de grandes tundas.

É que o demónio do *solo* fugiu da zona agrícola para designar toda e qualquer superfície em que tombe o corpo. (...) A menina, que escorrega em sua casa, *cai no solo*. O gato, que veio parar à rua, des- de um quinto andar, pelo caminho mais curto, *caiu no solo*. O avião *caiu no solo* como a maçã de Newton. (...) Ninguém se julgue tão infeliz que dê consigo em terra como o pote da Moína Mendes. O mais que lhe poderá acontecer é dar consigo em *solo*. (29. Itálicos do autor)

Então como hoje, “o problema ortográfico luso-brasileiro” (25) estava na ordem do dia. Em “Nós e o Brasil”, depois de comentar as reformas ortográficas de 1911 e de 1945, conclui que é “insolúvel o problema ortográfico luso-brasileiro” (27). Não vê, por isso, com bons olhos a uniformização da ortografia do português: “Continuem os Brasileiros com as suas *seleções*, que nós nos remediaremos com as nossas *seleções*” (*ibidem*).

Continuando no capítulo linguístico, na crónica “Caminho de consortes”, o autor surge como paladino do mundo rural e da linguagem que o caracteriza. Ao conflito entre rural e urbano, que este texto deixa entrever, junta-se, em “A sombra do calendário”, a tensão entre o popular e o erudito. É pelo primeiro que o autor romanticamente se bate.

Na prosa de João de Araújo Correia, não há lugar apenas para o presente. Escritor de forte veia memorialística, ele evoca grandes vultos do passado

que conheceu pessoalmente<sup>4</sup>. Ricardo Jorge, Gonçalo Sampaio ou Joaquim de Carvalho são homens exemplares pela sua sabedoria, pelo seu bom português, pela sua humanidade e pelo afeto pelas coisas simples e naturais. Neste álbum de notáveis há também lugar para conterâneos injustamente esquecidos, como o cirurgião Barbosa e o romancista Vieira da Costa. Na memória do cronista, para além de personalidades, persistem episódios ligados a instituições (“Recordações de barro – Os bombeiros”) e a tradições (“Recordações de barro – Noite sagrada”).

Num domínio mais propriamente autobiográfico, mas nem por isso com menos interesse, João de Araújo Correia recria com mestria acontecimentos que marcaram a sua infância:

Eu e minha mãe estávamos em Canelas assistindo a umas sementeiras, plantação das hortas ou coisa semelhante. Meu pai estava na Régua, esperando o nosso regresso. Entretanto, surgiu na minha vida um acontecimento. Fui a Lamego... Desci à Régua, para ir a Lamego, no dia primeiro de Maio de 1907 ou 1908, com os meus oito ou nove anos. (...)

O dia primeiro de Maio daquele ano foi bonito. O Sol vestia a cada montanha um vestido verde ou uma túnica azul. O que melhor lhe ia, segundo me pareceu. Colinas verdes, que a minha mão tocava, e serranias azuis, para onde partia como ave, o meu devaneio. (57)

Despretensiosa “Conversa escrita com o meu leitor” (1969: 92), a crónica, como se vê, nem por isso dispensa uma boa dose de poesia.

*Manta de farrapos* revela-nos ainda João de Araújo Correia como leitor e crítico literário. Como sempre, Camilo não podia faltar. A perpetuação da sua memória, numa casa e numa edição da sua obra dignas do escritor que ele foi, é a preocupação deste seu admirador. Trindade Coelho é outro dos seus eleitos: “É um grande livro o dos *Meus Amores*. São saudades do torrão natal postas em arte por grande artista” (68). Os dotes do contista transmontano não saem diminuídos no exercício de literatura comparada entre *Os meus amores* (1891) e *Cartas do meu moirinho* (1869), de Alphonse Daudet, um dos vários escritores estrangeiros presentes na biblioteca do autor reguense:

É estilo que pinta mais do que escreve. Pinta os seres vivos e até as coisas como se as recriasse e lhes desse, pela primeira vez, o dom da expressão peculiar. Ao toque desse estilo vivo, é eloquente o céu, a terra, a oliveira e o olmo, a canícula e o rochedo. Arcas de Noé para onde entraram dois mundos purificados é o que parecem os dois livros de crónicas, se entendermos por crónicas o que admite entrelaçadas ou paredes meias a fantasia e a realidade. (123)

O conto, enquanto género literário, é o protagonista das crónicas “Pobre contista” e “Contos curtos e contos largos”. Araújo Correia define-o como “soneto

<sup>4</sup> Pensamos que o próprio título escolhido para a coletânea, *Manta de farrapos*, decorre do desejo de preservar o passado, pois, como consta da nota introdutória, ele foi inspirado numa criação característica da “economia doméstica antiga” (11), tecida em “arcaicos teares manuais” (*ibidem*).

em prosa" (47), contrariando a menorização deste gênero pela crítica. Esta espécie literária está representada, em

– Aticismo é força. Prolixidade é anemia. (...)

– Escritor que não conheça o campo e escreva sobre o campo é um desventurado. O campo é uma ciência. (...)

– Gramática e dicionário servem o escritor e escravizam o amanuense. (...)

– Liberdade e responsabilidade são o único direito e o único dever do escritor. (...)

– Sem liberdade não há literatura. (...)

– Sê alegre ou triste, manso ou violento. O essencial é que sejas humano. (99-101)

Nestes apontamentos datados de 1960, merece particular atenção a máxima "Lingua do escritor, pátria do escritor..." (100), muito próxima da famosa "Minha pátria é a língua portuguesa". A concepção de escrita e de língua de João de Araújo Correia converge, assim, com a de Bernardo Soares. Note-se que, nesta altura, a projeção do poeta da *Mensagem* era bem menor do que atualmente. Também não tinha ainda sido tentada a primeira edição do *Livro do desassossego*, surgida só em 1982<sup>5</sup>. É verdade que o fragmento de que consta a célebre declaração do semi-heterónimo pessoano foi originalmente publicado em 1931, no n.º 3 de *Descobrimto*. *Revista de cultura* (Pessoa, 1982: 17). Mesmo que o escritor durienense a tivesse conhecido por este meio, apesar de não ser esta uma

revista de grande circulação<sup>6</sup>, ele surge aos nossos olhos como alguém bem informado, em sintonia com o meio intelectual do seu tempo.

A tonalidade aforística dos "Subsídios" contagia algumas passagens da entrevista concedida ao *Século Ilustrado* em 1960, sinal da visibilidade atingida pelo autor naquela época:

Não é breve quem quer. (104)

O escritor deve dedicar-se a uma obra pura e sem compromissos. (*Ibidem*)

Cada livro deve levar agarrado às folhas o húmus donde gereceu. (*Ibidem*)  
Cada homem é esboço do homem. (105)

Nesta entrevista, o autor de *Três meses de inferno*, de forma segura, clara e concisa, pronuncia-se sobre questões de índole diversa que em muito ultrapassam a sua atividade literária. Ela permite-nos, por isso, conhecer várias dimensões do seu pensamento. Através da sua inclusão neste volume, evita-se o extraviio de um texto que, apesar da mediação do entrevistador, não deixa de também pertencer à obra do autor.

Esta mesma observação vale para os discursos reproduzidos nas páginas de *Manta de farrapos*, datados igualmente de 1960. Lidos em cerimónias de homenagem, são, tal como a entrevista, testemunho do reconhecimento

<sup>6</sup> Os quase trinta anos de intervalo entre a publicação primeira do fragmento do futuro *Livro do desassossego* e o aforismo do autor de *Cinza do lar* é um fator que reforça, em nosso entender, a coincidência do seu pensamento com a do semi-heterónimo e não a influência deste.

atingido pelo prosador durienense naquela altura. Como ela (e as crónicas autobiográficas), ambos têm por objeto o próprio escritor. Neste sentido, são particularmente relevantes as autorrepresentações que ele de si traça. Os dois exemplos a seguir transcritos, provenientes de discursos diferentes, contêm algumas delas:

Não sou homem do mundo. Sou um cenobita agravado até o delírio por quantas circunstâncias há adversas à prática mundana. Sou um urso metido no seu covil. Saio a prear por necessidade. (109)

Criado com humildade, trabalhando de sol a sol e até de crepúsculo a crepúsculo para me sustentar, escrevendo em horas vagas para obedecer a ingénita determinação, mas, escrevendo com a inocência de quem canta sem saber que coisa é o canto, como podia eu prever que os meus escritos, a minha prosa instintiva, justificassem esta honraria? Nunca o pensei... (115)

Tudo o que foi dito até aqui não deixa dúvidas sobre a propriedade do título do livro em apreço, pois é realmente variado o seu recheio. À semelhança do inaugural *Sem método*, e ao contrário dos volumes que publicou entretanto, genericamente mais uniformes, reúne textos de diferentes tipologias, através dos quais conhecemos múltiplas facetas de um prosador que reparitiu o seu

talento por escritos de diversa ordem, que nos prendem pela hábil combinação de humor, poesia, sobriedade, clareza, criteriosa escolha vocabular, entre outros méritos. A inesperada inclusão de uma entrevista e de dois discursos contribui para conhecer melhor a tal personalidade que, como disse Amândio César, liga as várias parcelas. Os temas apontados e os trechos escolhidos são uma amostra do que se oferece ao leitor de *Manta de farrapos*, obra cuja riqueza dá certamente "pano para mangas".

#### Referências Bibliográficas

- César, Amândio (s/d). "Crítica literária: *Manta de farrapos*", texto dactiloscrito
- Correia, João de Araújo (2015), *Manta de farrapos*, Lisboa, Ancora
- Correia, João de Araújo (1972), *Palavras fora da boca*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Correia, João de Araújo (1969), *Ecos do país*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Correia, João de Araújo (1968), *Horas mortas*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Machado, José Pedro (1967), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Vol. III, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Confluência/Livros Horizonte
- Pessoa, Fernando (1982), *Livro do desassossego por Bernardo Soares*, Vol. I, Lisboa, Ática (recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho)